

O MATERIAL IMPRESSO E A INDIVIDUALIZAÇÃO DO ENSINO NA APRENDIZAGEM INDEPENDENTE

MOULIN, Nelly de Mendonça - UNIVERSO

GT: Didática /n.04

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Introdução

Especialistas em Educação à Distância – EAD – são unânimes em afirmar que a elaboração do material auto-instrucional visando a mediação pedagógica na aprendizagem autônoma apresenta sérios desafios. Trata-se de construir textos - orais, visuais ou escritos - que tenham a capacidade de suprir as necessidades do leitor enquanto aluno independente, que prescindem a presença do professor, assim como de atender aos preceitos do ensino voltado para a construção do saber, do saber-fazer e do saber-ser. (RIBEIRO & PROVENZANO, 1997; IBAÑEZ, 1996; MOULIN, 2000).

Dentre os desafios para a construção do material instrucional para aprendizagem autônoma, está a capacidade de elaborar textos escritos que se destaquem pela exatidão e correção do conteúdo; que comuniquem as idéias de forma simples e clara, em linguagem precisa e sem ambigüidades, a ponto de que seja possível dispensar a presença física do professor para explicar o significado das idéias expressas no material instrucional.

Além desses atributos, o material impresso para aprendizagem independente deve proporcionar ao leitor a oportunidade de interagir com o conteúdo, instigando o raciocínio e oportunizando o exercício de operações de pensamento, ao mesmo tempo em que abre espaço no próprio material para que o aluno registre o resultado de suas reflexões, para que manifeste suas reações com relação aos conteúdos estudados, e para que possa expressar suas críticas e sua criatividade.

O foco deste estudo está na **auto-aprendizagem guiada** apoiada em **material impresso**. O trabalho identifica as mudanças na forma dos textos impressos ao longo da história da educação à distância, principalmente em função da evolução do pensamento pedagógico, e a partir dos conceitos de auto-aprendizagem e das atuais concepções de

estudo autônomo infere sobre as formas de organizar e estruturar os textos escritos, assim como sobre o grau de “abertura” adequado a um material que será utilizado para o aluno construir seus saberes, na ausência de um instrutor / orientador.

Além disso, são narradas experiências realizadas em cursos de especialização ministrados à distância, em que o levantamento do contexto e do perfil dos alunos, propiciou que o conteúdo, a exemplificação, os estudos de casos e os problemas apresentados se adequassem à realidade dos alunos.

Evolução dos textos impressos para EAD: um breve histórico.

A primeira geração da EAD consistiu no ensino por correspondência, em que textos escritos para o ensino presencial eram enviados aos alunos por meio do correio postal. O conteúdo dos textos reproduzia as “lições” do professor, sem que houvesse a preocupação de imprimir ao material instrucional um caráter específico que o distinguisse do material destinado ao ensino presencial (EMERENCIANO, M. S. e WICKERT, M.L, 1998).

Nas primeiras décadas do século XX, a elaboração dos textos passa a atender pressupostos das teorias de aprendizagem vigentes, tomando características especificamente talhadas para o ensino à distância. Dentre os fatores que influíram nos rumos da educação e do ensino, com reflexos na elaboração de textos para EAD estavam: as concepções pragmatistas da Filosofia de Educação de Dewey; a Psicologia Behaviorista e os avanços da Psicologia Experimental; os métodos de ensino diretivo inspirados em Skinner; e os princípios de Tyler para a construção de currículos e ensino. A teoria geral dos sistemas, apresentada pela primeira vez por Bertalanffy, em 1937, só terá repercussão após a segunda guerra mundial, mas, aos poucos, a abordagem sistêmica é adotada em todos os setores de atividades, inclusive no setor educacional e no material instrucional para “estudo programado”.

Sob o impacto desses fatores, o material impresso para EAD passa a ser elaborado na forma de “módulo de ensino” que se caracteriza por ser um material escrito que oferece ao aluno duas ou mais alternativas de aprendizagem (texto alternativo, textos suplementares, esquemas) para atingir determinados objetivos, que por sua vez deveriam ser redigidos de forma específica, explicitando claramente o comportamento a ser desempenhado pelo aprendiz ao final do processo.

Sob influência dos princípios de Tyler, os objetivos comportamentais passaram a orientar todo o processo ensino/aprendizagem e, por extensão, marcaram a própria estruturação do material instrucional. No Brasil, a influência de Tyler não se encerra com a passagem para a segunda metade do século XX. Por longo tempo, os princípios de Tyler irão fundamentar as diretrizes para a construção de currículos e para o ensino, com reflexos na construção de material instrucional.

A Renovação Pedagógica nos Anos 70

Nos anos 70, um movimento de renovação da Educação denunciava o caráter reprodutivista do ensino formal, cuja função seria a de reproduzir as condições da sociedade vigente, e clamava por uma prática pedagógica mais coerente com a realidade sócio-cultural do aluno (BOURDIEU & PASSERON, 1975).

De acordo com esse movimento, a Educação só pode ser compreendida a partir dos condicionantes sociais e das relações de dependência para com as forças dominantes da sociedade que a mantém. Várias correntes, denominadas por SAVIANI (2000) de Crítico-Reprodutivistas, tentavam explicar a dinâmica das funções sociais da educação e da escola, e entre as principais se situam: a teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica (BOURDIEU E PASSERON, 1975) e a teoria da escola enquanto aparelho ideológico do estado de Althusser.

Prevalecendo os pressupostos crítico-reprodutivas, seria impossível considerar que ações pedagógicas da escola pudessem contribuir para superar as desigualdades sociais. Entretanto, dentre as teses surgidas naquele momento, predominou a visão da relação dialética existente entre educação escolar e sociedade, isto é, a educação escolar é, a um só tempo, produto e fator da sociedade. Por um lado, a escola é a forma institucionalizada de transmitir o saber e a cultura acumulados pela sociedade, com o fim de preservá-la; por outro lado, constitui espaço de manifestação e desenvolvimento de seu potencial para criar novos significados, novos saberes e novas culturas, o que por sua vez concorre para transformar essa mesma sociedade.

Surgem assim, os pressupostos do que GADOTTI (1987) chamou de Pedagogia Dialética - comprometida com os interesses das classes menos favorecidas e que se negava a ver a escola como instrumento para reprodução da estrutura social vigente. Essa posição é assim expressa por SNYDERS (1977):

A escola é terreno em que se defrontam as forças do progresso e as forças conservadoras. O que se passa na escola reflete a exploração e a luta contra a exploração. Ela é simultaneamente reprodução das estruturas existentes, correia de transmissão da ideologia oficial, mas também ameaça à ordem estabelecida e possibilidade de libertação. A escola é uma instabilidade, mais ou menos aberta, a nossa ação (p. 106).

De fato, os preceitos básicos da pedagogia dialética, em oposição à concepção reprodutivista, reconhecem a existência de conflitos no espaço escolar, mas acreditam nas possibilidades de enfrentá-los e assumem um compromisso com a libertação - a transformação social. Para tanto, consideram os teóricos críticos que o processo ensino-aprendizagem não pode ser desvinculado da realidade social e dos condicionantes históricos presentes na experiência de vida dos alunos. Ou seja, a ação pedagógica crítica e transformadora deve integrar-se à realidade concreta do aluno, buscando transformá-la.

Nessa concepção, os conteúdos trabalhados precisam estar relacionados com a experiência e com os conhecimentos já dominados pelo aluno. Numa relação pedagógica dialética, ao mesmo tempo em que novos temas são apresentados, devem ser re-elaborados pelo aluno num processo de reflexão e em confronto com os conhecimentos que já são de seu domínio. A última etapa do processo é a aplicação dos conhecimentos aprendidos (ou re-elaborados) sobre a realidade, no sentido de transformá-la.

A Pedagogia Dialética e os Textos Impressos para EAD

Para os críticos da EAD, essa seria uma forma de educação de massa, que levaria à padronização dos conhecimentos, sem que houvesse flexibilidade na mediação do ensino, constituída por textos comuns a serem apreendidos por alunos de todas as regiões atendidas.

Aí reside o grande desafio. Com base nos princípios da pedagogia dialética, entendemos que, tanto o planejamento do ensino presencial, como a estruturação e organização dos textos para a aprendizagem à distância, deve ter em vista a diversidade sócio-cultural e educacional das comunidades a que se dirigem. Além de contemplar as características das comunidades, é preciso também conhecer o perfil e as expectativas de cada um dos alunos.

Essas assertivas nos levam a diversas indagações relacionadas com o que ensinar;

com os conhecimentos já dominados pelo aluno; com a forma como os conhecimentos já existentes devem ser explorados; com as formas de alcançar os nós da rede de significados que será tecida pelo aluno em confronto com os novos temas apresentados.

Outra ordem de indagações se refere ao processo de construção do material impresso que irá mediar a aprendizagem autônoma. Até que ponto a EAD pode contribuir para a democratização do ensino? Que papel essa tecnologia pode desempenhar na mediação pedagógica visando à individualização do ensino? Até que ponto é possível fugir à massificação na preparação dos recursos humanos de que o país necessita?

Nossa pesquisa em torno do material impresso para a mediação pedagógica da aprendizagem à distância se apóia em pressupostos teóricos e na experiência. Acreditamos que os caminhos existem, seja para propiciar formas de interagir com o material instrucional, seja para atender aos interesses e necessidades individuais. Para tanto, iniciamos nossa busca nas características da auto-aprendizagem e nos tipos de abertura do material instrucional, como veremos a seguir.

Auto-Aprendizagem à Distância

A auto-aprendizagem está associada à idéia do indivíduo como protagonista de seu próprio processo de aprendizagem e formação independente. No entanto, é preciso distinguir entre auto-aprendizagem autônoma e auto-aprendizagem dirigida. Considera-se auto-aprendizagem autônoma a forma não ordenada e assistemática como o autodidata procura, seleciona materiais, estuda e pesquisa, sem apoio externo, ou seja, por conta própria. Ao contrário disso, a auto-aprendizagem dirigida é organizada e sistemática, processa-se na ausência do professor, mas com o apoio de um material-guia especialmente preparado para esse fim. Entende-se, então, que a auto-aprendizagem dirigida exige um material instrucional que exerça o papel de “organizador da auto-aprendizagem”.

Na verdade, a auto-aprendizagem guiada é uma forma diferente e específica de aprender, mas se inscreve como uma variante especial da “aprendizagem” e comporta os mesmos critérios básicos de avaliação. Superada a dicotomia “presencial x à distância”, todo aprendiz deve:

- Desenvolver capacidades autônomas;

- Adquirir, ampliar e enriquecer conhecimentos relevantes significativamente aprendidos;
- Modificar as estruturas cognitivas por meio do exercício de habilidades de pensamento que desenvolvam competências, criatividade, e criticidade.

Portanto, o material-guia para a auto-aprendizagem dirigida, além de exercer a função de organizador da auto-aprendizagem, deve cumprir as funções acima citadas e para tanto deve:

- Reservar um amplo espaço do material para a iniciativa dos estudantes, que ali poderão registrar suas reações ao material, suas reflexões, dúvidas, criar textos e outras manifestações pessoais;
- Apresentar conteúdos, proporcionando a informação para que o aprendiz se aproxime, progressivamente, de um conhecimento consistente e não fragmentado.
- Estimular o leitor a ir além dos conteúdos apresentados, propondo atividades de busca, momentos de reflexão encaminhados para o desenvolvimento do pensamento autônomo; dando oportunidade para que o leitor confronte os conteúdos apresentados no texto com conhecimentos previamente adquiridos, tirando conclusões que poderão levar à consolidação do saber existente, ou a sua substituição por novos conceitos e/ou idéias.
- Propor tarefas, exercícios, situações-problema, que suscitem o exercício e, como consequência, favoreçam o desenvolvimento de habilidades e competências.

Continuum dos Materiais Educativos

Uma das questões que envolvem a elaboração do material-guia refere-se ao grau de "abertura" que deverá apresentar. Por um lado, como “organizador da aprendizagem”, o material para o auto-estudo guiado deve apontar caminhos e direções, apresentar conteúdos novos e significativos, propor exercícios e problemas a serem resolvidos. Por outro lado, é preciso que o material-guia deixe um máximo de liberdade e autonomia para o aluno escolher conteúdos que atendam aos seus interesses, assim como é preciso que ofereçam alternativas de escolha ao propor problemas a serem trabalhados ou temas para discussão.

Encontrar a situação ideal entre o caráter diretivo e o caráter *laisse faire* depende da habilidade, tanto dos autores dos conteúdos, como dos especialistas que elaboram e produzem o material-guia. KAPLÚN (1995) sugere um *continuum* entre o material inteiramente “aberto” à atividade autônoma e o material “fechado”, que se limita a fornecer conteúdos estruturados e não abre espaço para a elaboração pessoal do aluno. A **Figura 1** ilustra o *continuum* proposto pelo autor.

Na ilustração do continuum de Kaplún, destacamos o critério “Semi-aberto” por representar a situação de equilíbrio, em que a informação não é negligenciada, ao mesmo tempo em que o texto oportuniza a interatividade com o leitor. Além disso, alarga-se o espaço dedicado às propostas de atividades que convidam o aluno a aplicar conceitos e a colocar em prática habilidades de pensamento.

Figura 1 - CONTINUUM DOS MATERIAIS EDUCATIVOS DE KAPLÚN

Fechado	Semifechado	Semi-aberto	Aberto
Só informação	Informação	Informação interativa	Pouca informação:
	exercícios de	Proposta de atividades práticas e mentais	Proposta de atividades práticas

	aplicação		
--	-----------	--	--

Fonte: KAPLÚN, Mário. Los materiales de autoaprendizaje. Marco para su elaboración. Santiago-Chile: REDALI/UNESCO, 1995.

Recomenda-se, portanto, que dentro da concepção de auto-aprendizagem guiada, sejam exploradas as opções de materiais instrucionais construídos de acordo com o critério semi-aberto. Kaplún lembra ainda que, além de prover conteúdos específicos e propor atividades relacionadas, o material para aprendizagem independente deve facilitar o “aprender a aprender”, isto é, deve propiciar instrumentos metodológicos para a auto-aprendizagem, tais como: aprender a investigar; facilitar e estimular a busca autônoma da informação; apoiar o estudo de casos e a resolução de problemas.

Voltando aos pressupostos da pedagogia dialética, lembramos que, na construção dos textos, os conteúdos trabalhados no material instrucional precisam estar relacionados com a experiência e com os conhecimentos já dominados pelo aluno. Mantendo uma relação pedagógica dialética, ao mesmo tempo em que novos temas são apresentados nos textos, deve haver estímulo e espaço para que sejam elaborados pelo aluno num processo de reflexão e em confronto com os conhecimentos que já são de seu domínio. Deve também estar presente, a última etapa do processo, isto é, os trabalhos e exercícios devem solicitar a aplicação de conhecimentos e de princípios aprendidos (ou re-elaborados) a casos e situações-problema extraídos da realidade.

No próximo tópico será apresentada a sistemática para a identificação do contexto e do perfil do aluno, e a forma como os dados têm sido utilizados.

Experiência de Individualização do Ensino.

Em uma situação de ensino presencial, o professor inicia o planejamento de seu curso após saber quem são seus alunos e onde querem chegar em termos de aprendizado, quais as suas reais necessidades, como poderá ajudá-lo objetivamente a se encontrar como pessoa e a se tornar melhor profissional. Além disso, procura conhecer o contexto em que trabalham e vivem os alunos, em geral provenientes da mesma comunidade.

Estas questões tornam-se mais preocupantes quando se trata de um curso à distância, e o ensino é ministrado a uma população de alunos localizados em diversos Estados do Brasil. Ou quando o instrutor se desloca da cidade em que sempre viveu e

estudou, para atuar em outra Região do país na fase presencial de um curso semidireto, para trabalhar em uma realidade com o qual não está familiarizado.

Na experiência aqui relatada, envolvendo um grupo de cem alunos de um curso de pós-graduação *lato sensu*, habitantes de Municípios diversos, as respostas de que precisávamos foram obtidas por meio da aplicação de dois instrumentos. O primeiro consistiu em uma ficha cadastro para obter dados pessoais, educacionais e profissionais, onde o respondente declarava idade, sexo, local de residência, renda familiar, formação, experiência profissional, condições de trabalho, expectativas com relação ao curso, conhecimentos já dominados e bibliografia conhecida sobre o tema que vamos tratar.

O outro instrumento consistiu em uma folha de papel com espaço em branco para redação, onde solicitamos que o aluno narrasse um fato ou uma situação-problema, relacionada com o tema do curso, realmente vivenciada por ele, como ator ou como observador, no contexto educacional em que trabalha ou estuda.

Tabulados os dados da ficha cadastro, além do perfil individual, estava traçado o perfil do grupo, com informações sócio-culturais, econômicas, escolar e profissional, assim como estavam identificadas as expectativas que deveriam ser preenchidas pelo curso. Desse modo obtivemos respostas às questões que listamos no início, isto é, conhecíamos o grupo e cada um dos alunos, os conhecimentos que já eram de seu domínio, o que esperavam e o que precisavam aprender.

A coletânea de casos/situações-problema extraída das narrativas mostrou-se preciosa fonte de informações sobre a realidade educacional e profissional do contexto em que o aluno exercia suas atividades, permitindo identificar as principais categorias de problemas profissionais típicas do estado e de cada região, as áreas geográficas em que esses problemas apareciam com maior incidência, constituindo apoio inestimável para o estabelecimento dos objetivos do curso, a seleção de textos, a elaboração de exercícios e instrumentos de avaliação, e a formulação de exemplos durante as exposições teóricas e as propostas de atividades práticas.

Aplicações Práticas dos Dados Levantados.

O perfil dos alunos, a caracterização do contexto, a identificação dos problemas mais constantes contribui para “individualizar” e “regionalizar” os procedimentos didático-pedagógicos. A partir dos dados sobre o domínio do conteúdo que está sendo ensinado, ou seja, dos assuntos que o aluno dominava com mais facilidade, em

contrapartida aos assuntos nos quais ele não atingira ainda um nível satisfatório, torna possível estabelecer a coletânea de exercícios a serem propostos, que variavam conforme as dificuldades encontradas pelo mesmo. Outro exemplo prático de individualização dos cursos conforme o perfil sócio-cultural do aluno/grupo relacionou-se com a escolha de textos específicos, temas dos exercícios, e questões de avaliação a fim de que refletissem a realidade local.

Constatando que a coletânea de situações-problema pode ser útil como material didático no ensino à distância e, face aos bons resultados obtidos, passamos a iniciar o trabalho tutorial sempre com a mesma tarefa: aplicação da ficha cadastro para obter o perfil dos alunos e solicitação da descrição de uma situação-problema realmente vivenciada no seu contexto profissional. A sistemática tem sido repetida em diversos cursos, com resultados considerados positivos nas avaliações dos alunos.

Na avaliação dos alunos, o trabalho tornava-se muito mais objetivo e motivador, pois o interesse dos alunos aumenta sensivelmente quando são submetidos a exercícios ou a questões de avaliação que exigem reflexão sobre as questões que retratam as suas realidades, que lhes afetam diretamente. Notamos que eles se mostram bastante empenhados quando recebem como tarefa à elaboração de um plano de ação centrado em problemas se identificam ou têm analogia com aqueles que afetam a instituição em que trabalham e/ou estudam.

Nas disciplinas que envolvem pesquisa científica, tanto nos cursos de Graduação como nos de Pós-Graduação (*stricto e lato sensu*), quando solicitamos que o aluno elabore um projeto de estudo, é comum que tenha dificuldade de encontrar de imediato um tema ou problema que sirva de ponto de partida para seu trabalho. Dentro da sistemática adotada, esta dificuldade é minimizada, pois o aluno é estimulado a estudar e a buscar soluções a partir da situação-problema apresentada na narrativa. Geralmente essa sugestão é aceita prontamente e com excelentes resultados, pois o fato de ter selecionado o caso já demonstra o seu interesse/preocupação e, além disso, como o problema foi experienciado por ele, terá maior desembaraço em refletir sobre seus componentes.

Ainda nos cursos de metodologia da pesquisa, com base nos casos narrados por um mesmo grupo podem ser desenvolvidas inúmeras atividades, tais como categorização de dados, de eventos ou de problemas, análise comparativa de incidência de problemas por área geográfica, “estudo de caso” e “resolução de problemas”.

O Futuro do Material Impresso para EAD

A EAD está vivendo a sua quarta geração - a da escola virtual, e muitos indagam pelo futuro do material impresso na Era Cibernética. Para IBÁNEZ (1996), o material impresso é o ponto chave de todo material didático à distância (p.79) e para fundamentar sua afirmativa, o autor cita resultados de pesquisas apresentados em congressos internacionais. Os Anais da XVI World Conference, patrocinada pelo International Council for Distance Education, realizada em Bangkok (Tailândia), em 1992, registram que:

Estimativas recentes indicam que 80% ou mais da aprendizagem, tanto a distância quanto escolar, baseia-se inteiramente, ou funda-se principalmente, no material impresso, com alguns apoios tecnológicos e contatos pessoais. Isso é verdade em especial na educação à distância do mundo em desenvolvimento, e para esses países é improvável que ocorra uma mudança brusca. Em um futuro previsível, os materiais impressos continuarão sendo o meio mais utilizado na aprendizagem à distância (In: IBÁNEZ, 1996, p.79).

Considerando a realidade brasileira, seria ilusório acreditar que neste momento a escola virtual poderia se expandir rapidamente e por todo o território nacional, pois reconhecemos diferentes realidades sócio-econômicas e culturais coexistindo no país, e o uso da Internet, embora esteja crescendo, ainda se limita a uma pequena percentagem da população.

É inegável que a escola virtual tem se expandido no Brasil, mas ainda é a escola do futuro e por muito tempo ainda irá conviver com modelos de ensino a distância que se apóiam, principalmente, em material impresso, por vezes associado a outras tecnologias. Sendo assim, tem mais sentido que a ênfase seja colocada na melhoria do material impresso para EAD, na sua adequação aos novos paradigmas e nas teorias da Comunicação que fundamentam sua forma e construção.

Em suma, a prática do levantamento do perfil do aluno e do levantamento de situações-problema que representem a realidade concreta, tanto no ensino presencial como no ensino a distância, tem se mostrado excelente auxiliar nas atividades de ensino, de avaliação e de pesquisa, podendo ser aperfeiçoada para incluir novas situações para

sua aplicação e para o aproveitamento das informações obtidas na elaboração de material instrucional destinado à auto-aprendizagem.

Desde o primeiro momento da experiência descrita percebemos o quanto estávamos aprendendo sobre outros contextos sócio-culturais e educacionais e continuamos a explorar a prática do levantamento do perfil do aluno e a colecionar os “casos” narrados buscando um domínio maior e melhor da realidade em que se insere nosso trabalho.

Conhecendo melhor o aluno e o seu contexto podemos responder com mais firmeza aos seus anseios e as suas necessidades. O trabalho se torna mais fácil, mais objetivo, mais interessante, mais efetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- EMERENCIANO, M. S. e WICKERT, M.L *Material impresso para EAD*. (Educação a Distância. Eixo Temático II. UEA 2). Brasília: Universa, 1998.
- GADOTTI, M. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1987.
- IBÁÑEZ, R. M. *O material impresso*. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco, 1996.
- KAPLÚN, M. *Los materiales de autoaprendizaje. Marco para su elaboración*. Santiago-Chile: REDALI/UNESCO, 1995.
- MOULIN, N. *Material impresso para educação à distância: formas e funções*. Cadernos de Estudos e Pesquisas, São Gonçalo. Ano 3. Nº 5, ago, 1999, p.27-34.
- SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 7ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção Polêmicas de Nosso Tempo; v.40).
- SINYDERS, G. *Escola, classe e luta de classes*. Lisboa: Moraes, 1977.